



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS INGLÊS**

FLÁVIO SILVA DOS SANTOS

**ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE A NECESSIDADE DE
COMPREENDER OS PHRASAL VERBS PARA UM MELHOR
DESEMPENHO EM LEITURA.**

Macapá/AP
2017

FLÁVIO SILVA DOS SANTOS

**ANÁLISE LINGUISTICA SOBRE A NECESSIDADE DE
COMPREENDER OS PHRASAL VERBS PARA UM MELHOR
DESEMPENHO EM LEITURA**

Pesquisa apresentada como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso III, do Curso de Licenciatura em Letras/Inglês, da Universidade Federal do Amapá, sob a orientação do Prof. Ms. Elvio Zenker Souza.

Macapá/AP
2017

ANÁLISE LINGUÍSTICA SOBRE A NECESSIDADE DE COMPREENDER OS PHRASAL VERBS PARA UM MELHOR DESEMPENHO EM LEITURA

¹Flávio Silva dos Santos

² Elvio Zenker Sousa

RESUMO

Este Trabalho tem como objetivo analisar por meio da linguística, a importância de conhecer os PHRASAL VERBS, elementos linguísticos da Língua Inglesa que estão presentes em diversas produções literárias e em livros didáticos. Por esse motivo seu estudo é considerado importante, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do ensino fundamental e médio propõem a leitura como elemento fundamental para ser praticada pelos alunos. Por essa razão, o estudo dos PHRASAL VERBS se torna relevante para que o aluno compreenda como se apresenta esse recurso e obtenha entendimento para um melhor desempenho em sua leitura no momento de interação com determinada tipologia textual estudada. Os PCN e PCNEM são bases orientadoras deste trabalho, juntamente com os estudiosos da temática aqui tratada.

Palavras-chave: *Phrasal Verbs*. Importância. Leitura.

ABSTRACT

This work aims to analyze through linguistics the importance of knowing the PHRASAL VERBS, linguistic elements of the English Language that are present in several literary productions and textbooks. For this reason, its study is considered important, because the *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)* propose reading as a fundamental element to be practiced by the students. Therefore, the study of PHRASAL VERBS becomes relevant so that the students understand how this linguistic resource is presented and obtain understanding for a better performance in their reading at the moment of interaction with a certain textual typology studied. This paper has the PCN and PCNEM as its guiding principles, altogether with the scholars of the subject treated here.

Keywords: *Phrasal Verbs*. Importance. Reading.

¹ Acadêmico do último semestre do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Português e Inglês com suas respectivas literaturas da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

² Professor Mestre do Colegiado de Letras/Inglês da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 TEORIA X E OS FATORES QUE FRUSTAM O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	6
2 AS PALAVRAS E SEUS SENTIDOS E SIGNIFICADOS AO LONGO DO TEMPO	12
3 PHRASAL VERBS E SEU USO	16
3.1 OCORRÊNCIAS	18
3.2 ESTRUTURA.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23

INTRODUÇÃO

Ao aprendermos uma língua estrangeira, nós nos deparamos com dificuldades de entender a língua na qual estamos aprendendo, e procuramos compará-la com a nossa que já conhecemos. Temos que nos submeter a uma nova etapa para conhecer toda a estrutura a respeito desse novo idioma, por exemplo, o espanhol, para, só assim, podermos conhecer essa outra língua. Essa é uma das formas de aprender uma língua estrangeira.

Quando falamos em aprendizagem de língua/idioma estrangeiro, devemos mencionar que, segundo o Dicionário Michaelis, nativo ou falante nativo “é o indivíduo próprio do lugar onde nasce, que não é estrangeiro, natural”. Ao nos depararmos com um falante nativo de determinado lugar, de cuja língua temos certo conhecimento, ou através de filmes, séries, músicas e outros meios de comunicação nos dão essa noção de como a língua é dinâmica, nos fazem perceber o quanto é diferente a entonação e a velocidade desse falante relacionado com o que nós aprendemos na escola, sem falar das expressões que toda língua e seus falantes possuem. Davies (2005) comenta que muitos estudantes pensam que existem dois idiomas, o que é ensinado na escola e o que aparece em filmes, músicas e ambientes do dia a dia do falante, pelo fato de a língua falada, por exemplo, o inglês, ser completamente diferente da ensinada. Essa questão envolve conhecer não apenas os elementos gramaticais, mas outros conhecimentos extralinguísticos da língua estrangeira para que a comunicação e entendimento possam ocorrer.

Percebemos, nesse sentido, que os estudantes de língua estrangeira, por exemplo, o inglês, durante o ensino fundamental e médio possuem dificuldades de entender certos elementos que aparecem na língua estrangeira, e que o ensino dessa é superficial, no sentido de não nos dar uma noção maior de compreender a língua escrita ou falada, em certos momentos, principalmente quando essa têm em seus discursos palavras construídas a partir de formações de frases próprias chamada de *Phrasal Verbs*, que, geralmente, são desconhecidas e com as quais não temos muito contato. Tais partículas precisam de atenção, por serem utilizadas no cotidiano do falante de língua inglesa e por estarem em vários seguimentos da comunicação, inclusive o escrito.

Por essa razão, apresentaremos, em princípio, por meio dos estudos teóricos, como está sendo ensinada a Língua Inglesa, já que esta possui a leitura como habilidade de destaque descrito pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio PCN (1998) e PCNEM (1999). E posteriormente, analisaremos por meio de estudos teóricos, porque é imprescindível conhecer elementos “extralinguísticos” descritos nos PCN em relação ao conhecimento e uso dos *Phrasal Verbs*, ressaltando, que o nosso objetivo não é

ensinar os *Phrasal Verbs*, mas analisá-lo por meio dos teóricos da área de como é importante conhecê-lo, pois esse se apresenta no decurso da Língua inglesa, estando presente tanto na escrita quanto na oralidade, pois compreendê-lo, segundo os autores que apresentaremos, melhora o desempenho do estudante no processo de entendimento em sua leitura.

1 TEORIA X E OS FATORES QUE FRUSTAM O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Usaremos a terminologia *ensino de Língua Estrangeira* conforme Leffa (1988), que diz ser o termo mais apropriado para designar o ensino de uma língua que é utilizada geralmente em salas de aula e pouco fora desse ambiente. Para exemplificar o ensino da língua estrangeira no Brasil, apresentaremos de forma comparativa uma teoria utilizada na administração, que servirá como exemplo para mostrar como estava ou está sendo ensinada a língua inglesa em certos ambientes escolares. Esta primeira exposição serve como mostra para identificar fatores que frustram o ensino de língua estrangeira.

Existem alguns teóricos e teorias concernentes aos comportamentos das pessoas dentro de uma instituição empresarial. Douglas McGregor, em seu livro "Aspectos Humanos da Empresa" criou duas teorias, X e Y, pois, segundo a observação do autor, existiam dois tipos de comportamentos revelados nas referidas letras, um sendo positivo (Y), e outro, negativo (X).

O comportamento que caracterizava a letra X é semelhante ao exemplo seguinte: X é uma pessoa que trabalha em uma instituição, mas esse, por sua vez, não executa suas tarefas com zelo, não tem interesse em melhorar seu desempenho como profissional, não colabora com seus colegas de trabalho, só quer ganhar, só faz o básico, pois ele não se automotiva.

Por outro lado, Y é uma pessoa que executa suas tarefas com zelo, busca melhorar seu desempenho como profissional, é colaborador com seus colegas de trabalho, pensa que seu trabalho é de grande importância para ele e para os que colaboram com aquela instituição, sempre procura melhorar seu serviço, pois se automotiva, faz o que pode dentro de seus deveres funcionais e legais.

Com base nessas informações, sabemos que o comportamento exemplificado pela letra X inviabiliza o progresso do próprio indivíduo, e o que dizer da organização? E por esse motivo analisaremos sob a ótica da teoria X (negativo), levando para o contexto da educação, de modo a apresentar como está ou estava ocorrendo o ensino da língua estrangeira. Pois de acordo com os PCN, deve-se trabalhar em sala de aula as quatro habilidades em língua estrangeira: ouvir, falar, ler e escrever.

Começamos a ter o contato com a língua estrangeira no ensino fundamental e, assim, continuamos até o término do ensino médio. Conforme menciona à LDB (1996, p. 20 e 24) “será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna”. Agora, fazendo referência ao ensino médio, a referida lei diz o seguinte: “será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição”. Todavia, esse processo de ensino não tem nos influenciado a alcançar certo domínio de comunicação escrita ou oral na língua estrangeira, pois não há uma interação com a língua ensinada. São transmitidos, por meio dele, conhecimentos gramaticais que nos deixam longe de uma comunicação real de acordo com Schütz (2012). Com o contato de determinada língua durante o ensino fundamental e médio, deveríamos aprender o mínimo para nós nos comunicarmos, lermos e compreendermos textos.

No ensino fundamental, conforme a LDBEN (1996), a língua estrangeira aparece pela primeira vez na grade curricular do aluno, tornando-se, para este, algo novo e de difícil compreensão, principalmente se este aluno nunca teve contato com uma língua estrangeira. Nos anos seguintes, a língua estrangeira estará lá, talvez sendo estudado o mesmo idioma, por exemplo, o Inglês ou Espanhol. Entretanto, com as mudanças de idiomas ensinados em determinado ano escolar ou escola, cria-se um rompimento desse aprendizado, ficando para mais tarde a escolha do aluno e, se possível, o prosseguimento de determinada língua oferecida pela escola. De acordo com o PCN (1998, p. 20) “Não há como propiciar avanços na aprendizagem de uma língua, propondo ao aluno a aprendizagem de espanhol na quinta série, de francês na sexta e sétima, e de inglês na oitava série”. Por essa razão, esse rompimento dificulta o ensino de línguas.

Existem fatores externos e internos que influenciam o aprendizado insatisfatório de uma determinada língua estrangeira, conforme menciona o PCN (1998, p. 21). Por esse motivo, existem também, fatores que colaboram para que a língua estrangeira, por exemplo, a língua inglesa, que é uma língua que está em todas as esferas, seja na informática, música e notícia, torna-se algo relevante. Morosov e Martinez (2008, p.151) corroboram com essa afirmativa dizendo o seguinte:

Com os efeitos da globalização, as oportunidades oferecidas pela tecnologia, o aumento muito grande de escolas de idiomas, a real necessidades de as pessoas se comunicarem com outras pessoas em diferentes partes do mundo e também as exigências do mercado de trabalho, parece que dominar uma LE, principalmente a língua inglesa, código da globalização, é algo que não pode faltar em currículo algum.

Nesse sentido, quem a domina tem “prestígio”, mas quem não tem o mínimo de conhecimento tem dificuldades de ler palavras que aparecem ou aparecerão, possivelmente, na vida do estudante, e até mesmo, em sua vida profissional. Outro fator vem a ser o modo do ensino desse idioma. Lima (2009) alega que existem professores desinteressados em ensinar, não procurando formas mais atraentes para educar o aluno, não explorando a interação da disciplina com o que o aluno já sabe sobre determinado tema, para envolvê-lo no processo sócio interacional. Não podemos deixar de citar, conforme o mesmo autor, que o aluno desinteressado tem sua parcela de culpa.

Portanto, ainda segundo o autor citado, o processo ensino/aprendizagem deve ser recíproco. Não adianta o professor querer ensinar se o aluno não quer aprender ou vice-versa. Entretanto, se o professor despertar no aluno o desejo de aprender uma língua estrangeira, não necessariamente só para o aluno passar de ano, e, de acordo com o PCN (1998, p. 15-19 e 37), indicar conhecimentos que o ajudem a crescer como pessoa na sociedade, obter instruções através da leitura, desenvolver a escrita e a se comunicar no mundo, esses conhecimentos adquiridos no aprendizado de línguas, agregados com os outros desenvolvidos pelas outras disciplinas, formará alunos mais preparados para viver em um mundo onde a informação é poder para pessoas que estão dispostas a aprender.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998) e Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM, 1999), são os documentos oficiais de instrução para os currículos/matrizes do ensino fundamental e médio. São, também, a base que orientam o ensino das várias disciplinas ofertadas no ensino fundamental e médio, propõem, em seus guias de ensino de língua estrangeira os objetivos que a escola, através dos professores, tem que desempenhar referentes ao ensino de línguas.

Diferentemente do que ocorre em outras disciplinas do currículo, na aprendizagem de línguas o que se tem a aprender é também, imediatamente, o uso do conhecimento, ou seja, o que se aprende e o seu uso devem vir juntos no processo de ensinar e aprender línguas [...] (PCN, 1998, p.28).

Podemos deduzir que o uso desses conhecimentos que serão ensinados aos alunos não devem apenas ter como meta o ensino de noções gramaticais, mas empregá-los para seu uso real, ou seja, tornar em prática o que esta disciplina apresentou ao estudante. Dessa forma, o aluno, que é a pessoa que está aprendendo, poderá usá-lo, ou caso não faça o uso imediato, terá certa noção sobre o conteúdo por ter já estudado.

Na perspectiva de ensino de língua estrangeira, Schütz (2012), tendo como referência Krashen (1982), introduz sua definição de ensino de língua estrangeira, ratificando o que os PCN e PCNEM (1998, 1999) preceituam.

[...] *língua estrangeira não é resultado de acúmulo de informações e conhecimento a respeito de regras gramaticais. Leva-nos à conclusão de que línguas são difíceis de serem ensinadas, mas serão aprendidas se houver o ambiente apropriado, uma vez que o aprendizado de um idioma se dá pela assimilação subconsciente de seus elementos (pronúncia, vocabulário e gramática) em contextos sociais. Krashen aponta também para a conclusão de que o ensino de línguas eficaz não é aquele que depende de receitas didáticas em pacote, de prática oral repetitiva, ou que busca apoio de equipamentos eletrônicos e tecnologia, mas sim aquele que explora a habilidade do instrutor em criar situações de comunicação autêntica, naturalmente voltadas aos interesses e necessidades de cada grupo e cada aluno, que funciona não necessariamente dentro de uma sala de aula [...]* (SCHÜTZ, 2012).³

Nesse sentido, o professor deve escolher o método ou abordagem mais apropriada para a turma que está ensinando, conforme cita o autor Lima (2009):

Um bom método deveria oferecer oportunidades para o aprendiz ler textos em jornais e revistas, de preferência sobre assuntos de seu interesse, tais como: esporte, cinema, música, textos literários diversos, sempre de tamanho e dificuldade adequados ao conhecimento linguístico dos alunos. (LIMA, 2009, p.33).

Não existe um melhor método ou aquela abordagem que utilize todos os procedimentos necessários para ensinar determinada língua; porém, se uma das prioridades do ensino de línguas vem a ser a leitura, Maria (2002, p.52) aponta como deve ser uma boa leitura. “O mais importante não é a leitura forçada de um livro até o final, mas que o leitor iniciante possa ter a possibilidade de encontrar um texto que seja de seu agrado, um texto que fixe, que o envolva e que, através dele, possa o leitor enriquecer sua visão de mundo...”

Os PCN indicam como deve ser realizado o ensino de conteúdos, fazendo orientações e expondo a importância do ensino e aprendizagem em língua estrangeira, considerando o inglês uma língua universal, que engloba as esferas das notícias, negócios, entretenimento entre outras.

Ter uma noção desse idioma é algo significativo, pois torna o aluno apto a interagir através da língua com outras culturas, garantindo, dessa forma, uma oportunidade para conhecer outros povos e suas particularidades. Ademais, esse conhecimento pode ser algo prazeroso, pois o aluno, se possível, fará uma comparação de sua língua materna com a outra que está aprendendo.

A aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso. Isso pode ser viabilizado em sala de aula por meio de atividades pedagógicas centradas na constituição do aluno como ser discursivo, ou seja, sua construção como sujeito do discurso via Língua Estrangeira. Essa construção passa pelo envolvimento do aluno com os processos sociais de criar significados por intermédio da utilização de uma língua estrangeira (PCN, 1998, p.19).

³ SCHÜTZ, Ricardo. A Evolução do Aprendizado de Línguas ao longo de um Século.

Conforme citam os PCN, dentre os objetivos do ensino da língua estrangeira está à função de desempenhar as quatro habilidades, que são: ouvir, falar, ler e escrever. Os mesmos enfatizam o seu ensino na leitura como sendo “prioridade” por certas razões, tais como:

Além disso, a aprendizagem de leitura em Língua Estrangeira pode ajudar o desenvolvimento integral do letramento do aluno. A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna (PCN, p.21).

Note, ainda, que os PCN reconhecem que a leitura não é o ensino “exclusivo” para se trabalhar em sala de aula, propondo o seguinte: (PCN, p.21) “o foco na leitura não é interpretado aqui como alternativa mais fácil e nem deve comprometer decisões futuras de se envolver outras habilidades comunicativas (...)”. Portanto, ao se falar em leitura como prioridade, o próprio PCN não restringe seu ensino apenas em leitura, porém exemplifica sua importância em determinados momentos.

Note-se também que os únicos exames formais em Língua Estrangeira (vestibular e admissão a cursos de pós-graduação) requerem o domínio da habilidade de leitura. Portanto, a leitura atende, por um lado, às necessidades da educação formal, e, por outro, é a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato (PCN, 1998, p.20).

Esse assunto parece que traz, ainda, várias controvérsias, pois o ensino de língua estrangeira, muitas vezes, não está voltado para o aprendizado, conforme ponderação de Lima (2009), porém para a memorização, para responder uma prova e conseguir vaga em uma universidade, fato que se comprova a partir do último ano do ensino médio.

A prova de língua estrangeira no vestibular consiste em leitura e interpretação de texto e perguntas sobre a gramática do idioma. A realidade é que o vestibular determina em grande parte o conteúdo programático da escola secundária. Se o vestibular cobrasse a compreensão auditiva e a habilidade da fala em língua estrangeira, sem dúvida, as escolas públicas e particulares mudariam os seus objetivos de ensino (LIMA, 2009, p.18).

Por esses motivos apresentados, parece que há uma disfunção do ensino de línguas, por não haver um objetivo consciente na formação nas quatro habilidades. Entretanto, a situação parece que não está apenas na educação básica, especificamente no ensino fundamental e médio, sendo esta formada conforme a LDBEN (1996), artigo 21, em “educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio”. Ainda segundo Lima (2009), as instituições de ensino superior deveriam incentivar seus alunos a aprender e compreender as outras habilidades:

Todos os estabelecimentos de ensino devem preparar os alunos nas quatro habilidades. Formar professores de idiomas que não falam a língua estrangeira em

nada contribui para melhorar o nível das escolas secundárias, públicas ou particulares. Estabelecer como meta o ensino exclusivo de leitura em língua estrangeira (e nada mais!), não motiva as faculdades e universidades a melhorarem os programas de ensino em língua estrangeira. Uma política de ensino de língua estrangeira que enfatiza somente a leitura enfraquece o perfil do professor de língua estrangeira, e existe o perigo de escolas contratarem professores de outras áreas que saibam ler, talvez precariamente, na língua estrangeira com finalidade de resolver o problema da “falta de professor” de qualquer jeito. A língua estrangeira tende a ser a matéria “prima pobre” nas escolas (LIMA, 2009, p.18).

Mas o PCN (1998, p. 20), menciona o seguinte, fazendo referência ao aspecto da leitura: “A leitura tem função primordial na escola e aprender a ler em outra língua pode colaborar no desempenho do aluno como leitor em sua língua materna”. No ensino médio, o PCNEM (1999) apresenta propostas que deverão ser desenvolvidos nos três últimos anos, que vão desde a aquisição de repertório vocabular até leitura e interpretação de textos. É neste ponto que queremos chegar, pois o documento propõe que o aluno deve ser submetido a um contexto de interação com a língua estrangeira, em razão de se efetivar os conteúdos “gramaticais” em um ambiente de uso.

O professor do ensino médio deve ter clareza quanto ao fato de que o objetivo final do curso não é o ensino da gramática e dos cânones da norma culta do idioma. O domínio da estrutura linguística envolve, todavia, o conhecimento gramatical como suporte estratégico para a leitura e interpretação e produção de textos. (PCNEM, 1999, p.104).

Com base nas contribuições teóricas apresentadas sobre o assunto e tendo como visão a teoria X, exemplificando-a para o contexto educacional, percebemos que existem ocorrências negativas em relação ao ensino e o aprendizado em língua estrangeira. E por isso, existem fatores que frustram o ensino das quatro habilidades descritas pelos PCN. E desse modo os PCN reconhecem as dificuldades que ocorrem no ensino de língua estrangeira, e por isso propõem a leitura como uma habilidade que pode ser desenvolvida e ter ações imediatas e práticas. Esses pontos “negativos” em relação ao ensino de línguas devem ser levados em consideração, de forma a ser algo construtivo para podermos intervir de modo a procurar trabalhar utilizando meios mais atraentes aos alunos. Assim, nos colocamos na busca de integrar os assuntos para que o ensino não fique estagnado apenas na gramática ou outro conteúdo, porém que agregue todas as habilidades de formar que o aluno venha a compreender a língua estrangeira em sentido amplo.

Essa primeira exposição consideramos ser importante pelo fato de existirem barreiras que afetam o ensino e aprendizado da língua estrangeira dentro do sistema educacional. Sabemos, também, que a leitura em língua estrangeira é destaque. Desse modo, podemos usá-la para analisar, através dos teóricos da área, como os *phrasal verbs* são importantes para um melhor desempenho nessa habilidade.

2 AS PALAVRAS E SEUS SENTIDOS E SIGNIFICADOS AO LONGO DO TEMPO

Antes de compreender como ocorrem os *phrasal verbs* e sua importância dentro da língua inglesa, analisaremos a trajetória que uma mesma palavra sofre ao longo do tempo, para podermos ter uma visão maior em relação ao sentido que os *phrasal verbs* apresentam.

Uma palavra sofre ao longo do tempo várias mudanças em seu sentido original, ganhando novos sentidos, literais ou não, em relação à palavra de origem. Os autores George Lakoff e Mark Johnsen (2003), estudaram esses aspectos de uma forma que vale ser mencionada. Segundo eles, todas as línguas e culturas possuem e fazem uso de *metáforas* que modificam o sentido de palavras e frases, ganhando uma nova conotação. Dessa forma, algo dito pode ser objetivo ou subjetivo e, dependendo do caso, não pode ser interpretado literalmente.

Nesse sentido, os autores McCarthy e O'dell (2004), estudam os sentidos das palavras utilizando os *phrasal verbs*, e, igualmente, como ocorre com as metáforas estudadas por Lakoff e Johnsen (2003), os *phrasal verbs* possuem um significado abstrato e um concreto, conforme citam.

*Os significados básicos dos verbos referem-se a ações concretas (break significa separado em pedaços), mas quando eles fazem parte de verbos frasais, muitas vezes têm significados abstratos também. Às vezes, o significado concreto pode ajudá-lo a supor o significado abstrato, por exemplo, você pode **LOOK BACK (olhar para trás)** para acenar adeus a alguém quando você sai de carro (significado concreto de - **LOOK BEHIND YOU (olhar para trás)**, ou você pode olhar para trás em seu viver passado (significado abstrato- **REMEMBER OR RECALL (lembrar, relembrar)**).⁴ (MCCARTHY e O'DELL, 2004, p.8, tradução nossa).*

O leitor de determinado texto fará essa definição, levando em consideração que uma mesma palavra pode possuir diferentes sentidos ou até mesmo vários significados, Por exemplo, a seguir, veremos uma palavra que nomeia um esporte, porém, possui um sentido diferente em relação à palavra de origem em outro país, embora que seja a mesma língua: Nos EUA, normalmente, utiliza-se a palavra “SOCCER” no sentido de futebol praticado aqui no Brasil e no resto do mundo. Já na Inglaterra, onde surgiu esse esporte, a palavra que o nomeia é “FOOTBALL”, mas, nos EUA, essa palavra designa outro esporte, que não é o futebol que conhecemos. Esse outro esporte é praticado com as mãos, mais conhecido como Futebol

⁴The basic meanings of the verbs in a refer to concrete actions (break means separate into pieces), but when they are part of phrasal verbs, they often have abstract meanings too. Sometimes the concrete meaning can help you guess the abstract meaning, for example, you can look back to wave goodbye to someone as you leave in a car (concrete meaning- LOOK BEHIND YOU), or you can look back on your past live (abstract meaning- REMEMBER OR RECALL).

Americano, e é bem parecido com o RUGBY. Porém, são dois jogos diferentes, ainda que com a mesma origem.

Nesse sentido, de acordo com Leffa (1996), para cada leitura feita, existe sempre uma interpretação. Essa, por sua vez, é realizada conforme a bagagem que possui o leitor. O PCNEM (1999, p. 96-100) indica que a leitura deve ser trabalhada no âmbito da escola de forma que o estudante compreenda recursos linguísticos de interpretações não expressas no texto. Maria (2002, p.22) cita que “Um texto é plurissignificativo, e cada pessoa atualiza, parte de suas possibilidades, ou seja, dependendo de sua vivência, atribui determinado significado, é mobilizada por um outro aspecto explorado pelo autor...” Em outras palavras, Leffa (1996, p. 14) expõe o seguinte:

A acepção de que ler é atribuir significado, põe a origem do significado não no texto, mas no leitor. O mesmo texto pode provocar em cada leitor e mesmo em cada leitura uma visão diferente da realidade. A visão da realidade provocada pela presença do texto depende da bagagem de experiências prévias que o leitor traz para a leitura. O texto não contém a realidade, reflete apenas segmentos da realidade, entremeados de inúmeras lacunas, que o leitor vai preenchendo com o conhecimento prévio que possui do mundo.

Por essas razões, é necessário que o estudante de língua, estrangeira ou não, tenha consciência de que sua leitura está repleta de informações conhecidas ou não por ele e que essas informações trazem diferentes sentidos, a depender de sua interpretação ou da intenção do autor do texto. Ao ensinar a língua estrangeira, deve-se observar e levar em consideração elementos acerca dessas mudanças. Por exemplo, o caso da palavra *soccer* ser dita nos EUA. E se, por exemplo, um aluno qualquer mencionasse *football* para designar nosso futebol e o professor não a considerasse como certa, pois esse, por sua vez, só conhece esse esporte como *soccer*. Certamente, nesse caso, o professor deveria se enquadrar nas ideias de Leffa (1996) e Maria (2002) por não ter, ainda, a concepção de que a leitura não parte só de determinado texto, mas, também, do leitor, e que, no exemplo exposto, as palavras são diferentes, porém com o mesmo sentido, nomeando algo com palavras particulares para definir o mesmo objeto.

No português falado no Brasil e em países de língua portuguesa, por exemplo, em Portugal, há mudanças de sentidos, e essas variações ocorrem em certos casos. Certas palavras possuem o mesmo nome com sentidos diferentes ou nomes diferentes para exprimir o mesmo sentido, por exemplo, conforme Rodrigues (1981, p.72). Casa de banho em Portugal significa *banheiro* aqui no Brasil; porém, em Portugal, *banheiro* significa, dentre outras possibilidades, *salva vidas*. Kohl (2010), pautada na concepção de Vygotsky, faz uma análise de significado de palavras dizendo o seguinte:

O significado é um componente essencial da palavra e é, ao mesmo tempo, um ato de pensamento, pois significado de uma palavra já é, em si, uma generalização. Isto

é, no significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal. Ao dizer sapato, por exemplo, estou enunciando uma palavra que tem um determinado significado. Este significado, além de possibilitar a comunicação entre usuários da língua, define um modo de organizar o mundo real de forma que alguns objetos (os sapatos) essa palavra se aplica e a outros (cadeiras, cachorros etc.) essa palavra não se aplica (KOHL, 2010, p.48).

A autora faz uma comparação fazendo uso de palavras para mostrar a sua definição de significado. No inglês e no português, uma palavra pode possuir vários significados, os dicionários estão repletos de exemplos. Porém, se as palavras no inglês, por exemplo, tiverem preposições com “up”, “down” etc, ganham, às vezes, uma ideia bem distinta. Ainda, para mostrar mais um exemplo, a autora expõe que:

[...] A palavra mancebo (do latim mancipium) significava, originalmente, “escravo”. Pelo fato de se preferirem escravos jovens, fortes, passou a significar “moço, jovem, forte”. Depois o termo passou a designar amante, provavelmente porque nas casas romanas muitas vezes os jovens escravos passavam a amantes de suas senhoras, daí mancebia, designando concubinato, e o verbo amancebar-se. Mancebo também significa “cabide onde se penduram roupas, chapéus, etc.”, numa reminiscência do significado de escravo. A palavra boêmia designava o habitante da Boêmia; como os ciganos vinham da Boêmia, essa palavra passou a significar “errante, nômade, desregrado” (KOHL, 2010, p.49).

Percebemos, nos exemplos citados pela autora, que, na história de uma língua, o sentido de uma palavra muda ao longo dos anos e isso reflete no aprendizado de determinada pessoa. O exemplo exposto serve para mostrar que, quanto mais nos interagirmos com determinada língua, mais preparados estaremos para compreendê-la.

Nesse sentido, ao falarmos de significados diferentes que uma palavra isolada pode ganhar, falaremos de grupos de palavras ou “expressões idiomáticas”, que segundo Nash e Ferreira (2010) dizem ser importante em uma comunicação efetiva, e seu ensino deve ser considerado válido e devem ser ensinados dentro de um contexto. Para mostrar como ocorre a construção de sentidos, vejamos o exemplo de uma expressão que Nash e Ferreira (2010, p.40) mostram.

curiosity: curiosity killed the cat *dit* expressão usada para dizer que alguém está fazendo perguntas demais (geralmente quando não se quer responder). Algo como: ‘a curiosidade mata’. *My goodness, you ask a lot of questions! As they say, curiosity killed the cat.* / Meu Deus, você faz perguntas demais! Como dizem, a curiosidade mata.

Para compreender como ocorrem as construções frasais de determinada língua é interessante percebermos as nossas próprias que usualmente utilizamos em nossa fala. No Brasil, existem demasiadas expressões que, uma vez ou outra, falamos na nossa linguagem; e elas aparecem de várias maneiras e em diferentes ambientes e contextos e com a mesma ideia

de que não podemos ler palavras isoladas, fato que acontece com as expressões idiomáticas e também com os *Phrasal Verbs*. Porém, os *Phrasal Verb* possui uma estrutura particular, conforme veremos mais adiante, servindo para dizer algo que queremos dar ênfase ou atenuar.

Nos últimos anos, muito tem se falado em “*acabar em pizza*”. Mas será mesmo que acaba em pizza ou só é expressão? Essa frase é um exemplo claro de expressão dita no Brasil; no entanto, se alguém que não tem esse conhecimento, ao ler em uma revista, jornal ou assistindo telejornais, não compreenderá a informação, por não saber que a expressão significa “uma situação não resolvida, acabada, encerrada (especialmente em casos de corrupção, quando ninguém é punido)”. Os autores Nash e Ferreira (2010, p.VII) definem da seguinte forma:

Expressões idiomáticas são parte do discurso cotidiano e tendem a dar um tom mais divertido e informal à nossa fala. Quando usamos palavras de maneira que o significado não pode ser inferido a partir dos seus elementos constituintes, nós estamos usando uma expressão idiomática. Por exemplo, quando dizemos, “my boss hits the roof”, podemos até conhecer o significado das palavras “hit” e “roof”, mas isso não nos ajuda a entender o significado da expressão “hit the roof” (ficar muito zangado).

Existem outras expressões usadas no Brasil, por exemplo: *Bater as botas, Cara de pau, Lavar as mãos, Ao pé da letra, Armar um barraco, Pisar na bola, Acertar na mosca etc.* Essas expressões melhoram o vocabulário, deixando a conversa mais dinâmica e clara para seus falantes e, por isso, Nash e Ferreira (2010) defendem seu estudo. Ainda segundo os autores mencionados, essas expressões podem ser “expressões idiomáticas compostas de verbo e substantivo, ditados populares e comparações (símbolos) comuns” (2010, p.VII).

Sabemos, dessa forma, que existem outros meios de dizer algo, ou que certas construções podem parecer totalmente sem nexos, se forem lidas de forma literal, para nomear certas ações. Os autores Acklam (1992), Dixson (2003), McCarthy e O’dell (2004), Gillett (2004), Spears (2005), Nash e Gregorim (2010) e dentre outros que não estão citados aqui neste trabalho, estudam e ensinam os *Phrasal Verb*, que, segundo eles, são tão recorrentes na língua inglesa.

Os exemplos mostrados anteriormente, de expressões em português e em inglês, exemplificam como as expressões funcionam na linguagem. E sua compreensão só é possível quando é praticada no uso real da língua. Spears (2005) cita que:

Todas as línguas têm frases que não podem ser entendidas literalmente e, portanto, não podem ser utilizadas com confiança. Elas são obscuras ou imprevisíveis porque elas não têm de contar com o significado literal. Mesmo se você conhece o significado de todas as palavras em uma frase e entenda toda a gramática da frase,

o significado da frase ainda pode ser confuso. Uma frase ou sentença deste tipo é dita por ser idiomática (SPEARS, 2005,p.v, tradução nossa.)⁵

Nesse sentido, ao entramos em contato com a língua estrangeira, percebemos que não somos capazes de fazer certas traduções ou leituras. Pois certas frases parece estarem sem nexos algum ou incompletas, conforme afirma Spears (2005, p.v). Por sua vez, Nunan (2001) diz que essa dificuldade está no fato da escola não trabalhar a fundo o ensino de vocabulário ou na exploração de teorias que incentivem seu uso, apenas frases já conhecidas são estudadas e trabalhadas, mas que esse estudo requer uma longa investigação sobre o assunto. Nesse sentido, já que os PCN (p.21) focam na leitura como habilidade importante, justificando que ler em uma língua estrangeira ajudará o aluno a aprender sua própria língua materna, é necessária a compreensão e conhecimentos de elementos que melhoram o desempenho dessa leitura.

3 PHRASAL VERBS E SEU USO

Para demonstrar como acontecem mudanças na Língua Inglesa quando se usa os *phrasal verbs*, Acklam (1996, p. X) nos apresenta uma das definições de verbos frasais e menciona que um verbo pode ter vários sentidos, dependendo do que o falante está a falar ou a fazer.

*A phrasal verb is basically a main verb + a preposition or adverb, for example, pick up, put down. Unfortunately there are a number of phrasal verbs where the meaning is not so clear, for example. He would like to **give up** smoking. Here the phrasal verb is **give up**, but the meaning is not obvious. It is not possible to understand what it means just by understanding the words **give** and **up**. In this context **give up** means **stop** and there are a lot of phrasal verbs like this, where the phrasal verb has a special meaning.⁶*

Através do exemplo apresentado por Acklam (1996), percebemos o quanto é fácil e, ao mesmo tempo, difícil o uso dos *phrasal verbs*. Quanto mais temos contato com a língua

⁵ All languages have phrases that cannot be understood literally and, therefore, cannot be used with confidence. They are opaque or unpredictable because they don't have expected, literal meaning. Even if you know the meaning of all the words in a phrase and understand all the grammar of the phrase completely, the meaning of the phrase may still be confusing. A phrase or sentence of this type is said to be idiomatic.

⁶ Um phrasal verb é basicamente um verbo principal + uma preposição ou advérbio, por exemplo, pick up, put. Infelizmente, há um número de verbos frasais onde o significado não é tão claro, por exemplo. He would like to **give up** smoking (Ele gostaria de parar de fumar). Aqui o phrasal verb é **give up** (desistir), mas o significado não é óbvio. Não é possível entender o que significa apenas por entender as palavras **give** e **up**. Neste contexto, desistir significa parar (**stop**) e há um monte de phrasal verbs como este, onde o phrasal verb tem um significado especial (Tradução Nossa).

estrangeira, mais percebemos que as “coisas” tornam-se mais fáceis, pois nos envolvemos na causa, e difíceis, por existirem vários sentidos para uma única frase. Esse contraste existe porque não conhecemos todas as possíveis mudanças dentro de uma língua e, também, por estarem inseridas, principalmente, na oralidade, em contextos informais e formais em alguns casos. Dixon (2003, p.1) discorre sobre o uso de expressões no inglês.

*“Idiomatic expressions have long played an important role in the English language. In fact, the use of idioms is so widespread that an understanding of these expressions is essential to successful communication, whether in listening, speaking, reading, or writing”.*⁷

Ao longo dos anos, existirem várias produções de livros ensinando o uso de *Phrasal verbs* em diversos contextos, e também, por estarem inseridas em livros didáticos de língua inglesa, sendo esses escolares ou não. Dessa forma, o seu uso e conhecimento, segundo o autor, é de fundamental importância para que a comunicação e compreensão ocorram.

Quando o PCNEM (1999) menciona que o aluno deve adquirir repertório linguístico, englobando todos os conteúdos estudados no ensino fundamental ao médio, dessa forma podemos afirmar que o estudo dos *phrasal verbs* se inclui nesse repertório, pois o aluno, ao ter contato com diferentes gêneros textuais, necessitará compreender os seus significados dentro do conteúdo que está lendo.

De acordo com indicação dos documentos oficiais PCN (1998, p. 36-40) e PCNEM (1999, p. 96-100), o conteúdo assimilado pelo estudante deve ter como meta fazer com que o aluno possa compreender e se comunicar na sociedade em que está inserido. Para que essa compreensão ocorra de maneira eficiente, é necessário conhecer elementos linguísticos, não apenas o uso da linguagem técnica ou jargão profissional, mas o uso dos *phrasal verbs*, que segundo os autores, são tão comuns na língua inglesa.

No inglês, há vários verbos frasais que os falantes utilizam no seu cotidiano, por exemplo: A palavra *quit* significa desistir, mas geralmente, usa-se *give up*. E *wake*, que significa acordar, mas fala-se *wake up*; ou expressões como: *as soon as*, que significa *assim que*; *up there*, *upstairs*, cujo significado é *lá em cima*. Nesse sentido, em certos momentos na língua inglesa, os *phrasal verbs* podem aparecer com a mesma ideia da frase original. Se analisarmos a frase, *raise your hands*, palavra-por-palavra significa, literalmente, *levante suas mãos*. Porém, se a construção da frase for formada por *phrasal verbs* seria: *put your hands up*.

⁷Expressões idiomáticas têm desempenhado por muito tempo um papel importante na Língua Inglesa. Na verdade, o uso de expressões idiomáticas é tão generalizado que a compreensão dessas expressões é essencial para o sucesso da comunicação, seja em ouvir, falar, ler ou escrever (tradução nossa).

O sentido dessa oração não muda comparado com o primeiro exemplo, o que muda é apenas a construção da frase.

Nesse sentido, Nunan (2001) fala sobre a importância de se obter um “nível” de conhecimento que deve estar pautado na ideia de noção vocabular. Significa dizer que ocorre quando o aluno é capaz de distinguir, no momento de interação, as possíveis ocorrências de estrutura, som, construção dentre outros. Ainda mais se um dos propósitos do ensino é a leitura.

[...] By different 'levels' is meant an integration in the learning process of sound levels, visual shape and form, grammatical structure and semantic patterns so that processing occurs in 'depth' and not just superficially as may be the case, for example, if a word is learned only in relation to its translation equivalent. There is now a general measure of agreement that 'knowing' a word involves knowing: its spoken and written contexts of use; its patterns with words of related meaning as well as with its collocational partners; its syntactic, pragmatic and discourse patterns. It means knowing it actively and productively as well as receptively. Such understandings have clear implications for vocabulary teaching (NUNAN, 2001, p. 42- 43)⁸

Para uma boa compreensão na língua estrangeira, devemos nos submeter a uma nova etapa de descoberta, não apenas possuir um conhecimento literal de uma palavra ou frase, mas adquirir conhecimento que nos auxiliará na construção de sentido do objeto estudado, para que, dessa forma, ocorra uma melhor compreensão e comunicação.

3.1 OCORRÊNCIAS

Segundo Spears (2005), as primeiras ocorrências ou origens de que se tem notícia sobre o uso de frases idiomáticas são da literatura e da Bíblia, embora que não se saiba ao certo quando surgiu determinada frase ou quando é que foi utilizada pela primeira vez. Conforme o autor, as expressões são possíveis de serem datadas conforme o uso precoce de sua ocorrência por meio de consulta a um pesquisador da área que, provavelmente, possui registros, através de livros ou outro meio diverso que comprove sua ocorrência.

⁸ Por diferentes "níveis" entende-se uma integração na aprendizagem do processo de níveis de som, formação visual e prática, estrutura gramatical e semântico, padrões que o processamento ocorre na "profundidade" e não apenas superficialmente como pode ser o caso, por exemplo, se uma palavra só é aprendida em relação a sua equivalente tradução. Há agora uma medida geral de acordo com um "saber" de uma palavra que envolve saber: falar e escrever em contextos de uso; seus significados com palavras relacionadas, bem como com seus parceiros locacionais; seus padrões sintáticos, pragmáticas e discursivas. Isso significa conhecê-la ativa e produtivamente. Tais entendimentos têm implicações claras para o ensino de vocabulário (tradução nossa).

Ainda de acordo com Spears (2005), o uso dessas frases, no caso da literatura, com Shakespeare, ou na Bíblia ocorria de forma literal e, em certos casos, era possível seu entendimento. Porém, em situações que apresentavam um sentido figurado, era difícil sua compreensão por não haver uma correspondente literalidade e, por essa razão, apresentava dificuldade para a compreensão.

Na atualidade, sua presença está em vários segmentos da comunicação, conforme expõem Mccarthy e O'dell (2007, p. 6) e Gillett (2004, p7), inserida em jornais, revistas, anúncios publicitários, televisão e na linguagem diária do falante de língua inglesa.

De acordo com Mccarthy e O'dell (2007, p. 16), esses recursos linguísticos aparecem de várias formas e contextos, como já vimos. São usados tanto em ambientes formais e informais como no exemplo seguinte: Formal: “The authorities finally **acceded to** his request for a work permit. [Agreed to], (As autoridades finalmente **concordaram** com seu pedido de autorização de trabalho). The castaways had to **call upon** all their strength to survive [Use]” (Os sobreviventes tiveram de **usar** toda a sua força para sobreviver). Nesse tipo de ocasião, sua procedência vem de origem Anglo Saxônica, proveniente do Latim ou França. Sua ocorrência exprime mais formalidade na escrita do que na fala, tornando-se uma partícula neutra.

É importante frisar que, quando o *phrasal verb* aparece em determinada oração, por exemplo, “*put off*”, seu sentido se torna um, sendo considerado como se fosse apenas um elemento para a interpretação das palavras. De acordo Gillett (2004) o aluno, ao estar em contato com determinado tipo de texto ou na oralidade com músicas, por exemplo, deverá ter a noção de que esse tipo de frase, embora constituída de duas ou mais palavras, possui equivalência de apenas uma, e sua tradução literal não é válida.

Ao mencionarmos a palavra equivalência, com o objetivo de uma aproximação de sentido ao fazer uma tradução ou interpretação de determinada frase ou palavra, consideraremos a contribuição dada por Pontes e Francis (2014, p.249), ao dizerem que o termo “equivalência” possui concepções diferentes.

[...] Embora a palavra equivalência, ao ser adotada por um e outro campo do conhecimento, esteja restringida à condição de termo cada área do saber a entenderá e utilizará desde sua própria dimensão científica. Isso implica que existem, na verdade, dois termos para a mesma palavra, ou seja, existe um termo ‘equivalência’ que só se aplica para os Estudos da Tradução, e outro termo de idêntica morfologia (‘equivalência’) usado na Lexicografia. Cada um desses termos, entretanto, poderá atuar, apenas, no seu próprio território.[...] Por sua vez, a Sociolinguística Variacionista entende o termo equivalência sob uma perspectiva diferente, porém, complementar, pois parte do pressuposto de que, ao analisar possíveis correspondências entre palavras supostamente equivalentes, o tradutor

deve considerar aspectos de diferenciação social, regional, étnica, geográfica, sexual, ou situacional para que possa realizar os ajustes necessários durante o processo de tradução do texto em questão para a língua de chegada, já que, no olhar dessa disciplina científica, não há correspondência 'perfeita' entre as línguas.

Portanto, para os Estudos da Tradução, o termo mencionado possui um conceito, na Lexicografia e na Sociolinguística Variacionista, outro. Por esse motivo, não definiremos o melhor conceito ou aprofundaremos o termo equivalência, pois depende da visão de quem realiza certas traduções ou interpretação, já que fará sua definição do termo *equivalência* para fazer sua tradução ou aproximação de uma língua à outra.

Nesse sentido, quando o Parâmetro Curricular (1998 e 1999) menciona que é de interesse que o ensino da leitura seja efetivado em sala de aula, deve-se ter muita atenção para que o aluno, ao se deparar com uma frase construída por *Phrasal Verb* ou frases idiomáticas, não caia na “tentação” de traduzir palavra por palavra. Na oportunidade, Gillett (2004) comenta o seguinte:

Often a student of English tries to translate idioms word- for-word, literally. If you do this, you can end up asking, “What could this possibly mean?” This is why idioms are difficult: they work as groups of words, not as individual words. If you translate each word on its own, you’ll miss the meaning and many cases and up with nonsense. (GILLETT, 2004, p.7).⁹

No ensejo, mostraremos outras ocorrências que, geralmente, são usadas para expressar algo, pedir etc. Get: She **got on** the bus. [entered] (Ela entrou no ônibus); Jim and Mary don’t **get on**. [don’t like each other and are not friendly to each other]. (Jim e Mary não se gostam/não se entendem).

Observe que temos duas frases com o mesmo verbo; na primeira, o sentido é literal. Já na segunda o significado é abstrato, fato que torna claro que compreender determinada frase não é simplesmente um processo de interação com a gramática, embora ela seja útil, mas, sim, com a própria língua.

Para Dixon (2003), no processo de aprendizagem de língua estrangeira, o aluno pode até conseguir entender e se comunicar com falantes de outro idioma, mas, com certeza, não

⁹ Geralmente, estudantes de Inglês tentam traduzir expressões idiomáticas palavra-por-palavra, literalmente. Se você faz isso, pode acabar se perguntando: "O que isso significa?": Eles funcionam como grupos de palavras, e não como palavras individuais. Se você traduzir cada palavra em seu próprio significado, você perderá o significado e em muitos casos acabarão sem sentido (tradução nossa).

terá noção de algumas frases ou construções feitas por eles, fato esse que o tornará limitado, caso não conheça ou não utilize esse recursos.

*The student may learn grammar and, with time, acquire adequate vocabulary, but without a working knowledge of such idioms as above all, to get along, on the whole, to look up, etc., even the best student's speech will remain awkward and ordinary (DIXSON, 2003, p.3).*¹⁰

Por esse e outros argumentos, consideramos o assunto importante, e sua análise relevante, não só pelo fato de ser usado pelos falantes da língua inglesa, mas também para mostrar que seu entendimento contribui para um melhor desempenho em leitura, pois desse modo pode-se apropriar-se de determinado meio de comunicação e adquirir entendimento.

3.2 ESTRUTURA

Os *phrasal verbs* se estruturam de vários modos e seu entendimento só é possível quando o indivíduo tem uma noção com que expressão ele está a lidar. Não consiste o nosso objetivo em mostrar como ocorrem todas essas estruturas; porém, mostraremos alguns casos típicos que, geralmente, estão inseridos em livros escolares ou literários, informando, também, que, em certos livros, aparecem equivalentes traduções desses elementos.

Sua estrutura envolve um verbo e uma partícula (pode ser uma preposição ou um advérbio), exemplo: verbo/**look**; partícula/**up**. Frase: *You can look up any new words in your dictionary*¹¹. Significado: You can find the meaning of any new words in your dictionary. Reafirmando que a frase deve ser lida como um objeto só, por exemplo, *Look the word up in the dictionary*. Significado: **look up** mean search for information in a book/computer.

Outro caso bem usado em situações informais é: *Please take off your shoes when you enter the temple*. Agora, o mesmo sentido, porém dito em um contexto formal: *Please remove your shoes when you enter the temple*. Observe que, na frase apresentada, ocorre um sinônimo, pois o sentido é o mesmo, mudando apenas a construção. Ao ver pela primeira vez esse conjunto de regras e formas parece ser algo complexo, embora que seja em alguns casos, mas que seu conhecimento dentro da linguagem escrita ou oral é necessário para a compreensão.

¹⁰ O aluno pode aprender gramática e, com o tempo, adquirir vocabulário adequado, mas sem um conhecimento prático de tais expressões como, above all, to get along, on the whole, to look up, etc., até mesmo o melhor discurso do aluno permanecerá estranho e incomum (tradução nossa).

¹¹ (Exemplo extraído do livro "English Phrasal Verbs in Use". p. 6-8)

Existe outro caso interessante para ser observado. Quando ocorre com verbos Intransitivos (que não possuem objeto). Exemplo: verbo **Get** e partícula **up**: significa levantar. Frase: *Get up, David! You are going to be late for work.* (Levante-se, David! Vai se atrasar para o trabalho).¹²

Quando apresenta verbos Transitivos (que possuem objeto), podendo as duas partes serem separadas. Exemplo: *Please fill out the application form in black ink.* (Por favor, preencha o formulário com caneta preta.) ou *Please fill the application form out in black ink.* Sendo, nesse caso o objeto “the application form”. Nesse caso, se a frase fosse lida de forma como se apresenta, tornaria algo sem nexos para o leitor que não conhece sobre o assunto, esse leitor até poderia conhecer o significados das palavras, mas ainda assim, a frase seria estranha e sem sentido, por as palavras estarem separadas.

Existem outros verbos transitivos que podem ocorrer com **um** objeto **fixo depois do verbo**, por exemplo, **Run into**: significa “encontrar por acaso”. *I ran into John the other day in the Italian restaurant near work* (Eu encontrei John por acaso no restaurante italiano perto do trabalho). Caso fosse dito ou escrito conforme o exemplo a seguir, a estrutura da frase não estaria correta: ~~*I ran John into the other day in the Italian restaurant near work.*~~

Poderá aparecer com objeto **fixo entre as duas partes do verbo**, por exemplo, **Set apart**: significa “distinguir”. *Ron’s research really sets him apart from the other journalists.* (A pesquisa de Ron realmente o distingue dos outros jornalistas.) e também transitivo **com dois objetos, separados. Exemplo**: Put down to significa: atribuir. *They put their exam success down to plenty of studying.* (Eles atribuíram seu sucesso na prova à carga de estudos), sendo objetos os dois grifados.

Os exemplos expostos servem para dar mais uma noção de como esse conhecimento é fundamental na compreensão de determinado conteúdo, sendo este escrito na oralidade. E que essas construções frasais são de uso frequente, conforme já exposto, em vários seguimentos da comunicação. O PCNEM (1999, p.93), menciona que:

“Ao se apropriar de uma língua, o aluno se apropria também dos bens culturais que ela engloba. Tais bens lhe permitirão acesso à informação em sentido amplo, bem como uma inserção social mais qualificada, da qual poderá beneficiar-se e sobre a qual poderá interferir”.

Nesse sentido, o aluno ao encontrar diferentes gêneros textuais, provavelmente se deparará com esses casos, mencionando, também, que um bem que reflete determinada cultura, identificando certa pessoa como originária de uma provável localidade é a língua. E

¹²(Exemplo extraído do livro “Aprendendo Inglês como segundo idioma”. p.285).

com o idioma é que poderá apropriar-se de informações e interagir com outras pessoas de diferentes lugares, pensamentos, culturas e tradições etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Dudeney e Hockly (2011), um dos fatores interessantes da língua inglesa é que “ela está sendo usada cada vez mais como ‘língua franca’ (ou idioma comum).” Isso se dá pela razão de que alguns países, conforme menciona também o PCN (1998, p.23), possuem o inglês como “segunda língua” e seu uso o torna mais necessário para a comunicação no mundo dos negócios e, também, em centros universitários desses países.

Quando o assunto são os países que falam inglês, você provavelmente pensa em lugares como o Reino Unido, os Estados Unidos, a Austrália, o Canadá ou a Nova Zelândia. Mas o inglês é o idioma oficial em muitas outras nações e seus cidadãos são bastante proficientes – pense na Índia, Cingapura, Malásia, Nigéria, Quênia e Ilhas Maurício, só para citar algumas delas [...]. [...] Assim, pessoas de todos os países conseguem se comunicar. Por exemplo, em uma reunião de negócios em Bangcoc, Tailândia, com participantes da China, Japão, Coreia, Tailândia e Indonésia, o idioma é geralmente o inglês. Da mesma forma, um encontro comercial em Munique, Alemanha, com pessoas da Suécia, Grécia, Itália, Alemanha e França, acontece quase sempre em inglês (DUDENEY E HOCKLY, 2011.p.1)

Por esse motivo, e conforme análise bibliográfica sobre a temática, conhecer elementos que melhoram o repertório vocabular, tais como os que apresentamos nesse trabalho, se torna algo significativo. Dixson (2003, p.3) diz que: “Teachers of English have long recognized that idiomatic expressions add grace and exactness to the language. The alert teacher will make their study an integral part of the teaching process”¹³. Cabe à escola, especificamente ao professor, o ensino deste tema, para que o aluno, no decorrer de certa atividade que envolva a leitura de alguma tipologia textual, ou, até mesmo, na conversação que apresente esse tipo de conteúdo, não caia em erro. Pois no momento da leitura, se for o caso, o leitor de língua inglesa lerá algo completamente literal ou sem nexos para ele, o que resultará em certa ausência de compreensão.

De acordo com Crystal (2006), quando determinado indivíduo aprende uma língua, ele aumenta gradativamente seu vocabulário, chamado de *léxico*. Para se comunicar em um ambiente específico, a pessoa procura em seu léxico as melhores palavras para exercer a comunicação. Portanto, nunca se esgota a possibilidade de aprender uma palavra nova. Embora em seu repertório existam várias, sempre há lugar para mais uma. Ainda segundo

¹³ Professores de Inglês há muito tempo reconheceram que as expressões idiomáticas adicionam graça e exatidão para a linguagem. O professor alerta fará seu estudo como uma parte integrante do processo de ensino (tradução nossa).

Crystal (2006, p. 224), “vocabulary never stands still new words continually arrive in a language and old words disappear”¹⁴. Por esse motivo, sabemos que existem outras formas de dizer algo, como já vimos, e esse entendimento é posto a prova quando nos deparamos com situações que apresentam novos léxicos, até então, desconhecidos. Através desse conhecimento, podemos aumentar nosso vocabulário para podermos nos comunicar e compreender determinados vocabulários presentes na escrita ou oralidade. Nesse sentido, Acklam (1992, p. x) menciona que não usar os verbos frasais pode até acontecer, entretanto, soaria estranho para uma boa compreensão de quem os usa diariamente e, até mesmo, para os falantes da língua inglesa:

Ao falar muitas vezes você pode evitar verbos dizendo, por exemplo, stop em vez de give up. Infelizmente, nem sempre é tão simples e se você não usar o verbo frasal você pode soar pouco natural, particularmente na conversa do dia-a-dia. Por exemplo, soaria muito estranho para um falante de Inglês, se você dissesse: He extinguished the cigarette. E não: He put the cigarette out. Na leitura e ouvindo você não pode evitar phrasal verbs, eles estão por toda parte. Consequentemente, é muito importante que você compreenda, pelo menos, os mais comuns. (tradução nossa).

Por esse motivo, e conforme ponderação de Ferreira e Nash (2010), o conhecimento dos *phrasal verbs* se torna importante, pois integra o discurso escrito e falado do idioma da língua inglesa. Salesi [et. al.] (2013, p.9), diz que o professor tem o papel de mediador, por essa circunstância cabe ao professor ensinar ao aluno como funciona esse elemento e, as principais ocorrências dos *phrasal verbs*, para que este entenda quando esse fragmento surgir em determinada ocasião de sua leitura. Ainda segundo a autora, os alunos possuem dificuldades para ler textos em língua inglesa e interpretá-los, eles dizem “não saber nem o português, tão pouco o inglês”. Dessa forma, o professor, juntamente com o aluno, deve buscar interação para chegar a uma compreensão do texto. Por essa razão, Leffa (1996, p.10) contribui dizendo que a leitura possui duas definições: leitura em sentido geral e leitura em sentido restrito. A leitura em sentido geral seria conhecer o mundo. Nesse caso, para que a leitura ocorresse, o leitor deveria ter um conhecimento prévio do que está lendo para poder chegar ao entendimento dessa leitura. A leitura restrita seria a extração de significado do texto juntamente com a atribuição de significado, sendo o texto visto como elemento importante, sendo o leitor o mais importante e a compreensão o resultado final do ato de ler. Desse modo, conhecer elementos que melhoram nossa leitura não só nos torna mais preparados para nos comunicarmos e entendermos algo apresentado tanto na escrita quanto na oralidade, como,

¹⁴ Vocabulário nunca fica parado, novas palavras chegam continuamente em uma língua e velhas palavras desaparecem (tradução nossa).

também, nos acrescenta uma maior quantidade de léxicos para o nosso entendimento, para que possamos atribuir significados e, conseqüentemente, extrair conhecimentos para uma boa comunicação em leitura.

REFERÊNCIAS

ACKLAM, Richard. **Help With Phrasal Verbs**. Oxford London (1992). A division of Heinemann publishers.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Orientações Educacionais Complementares aos. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ensino Médio Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (PCNEM, 1999).

_____. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional** [recurso eletrônico]: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 9. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

CARTER, Ronald. **Vocabulary Applied Linguistic Perspectives** Second edition. First published 1998 by Routledge.

CRYSTAL, David. **How language works: how babies babble, words change meaning. and languages live or die**. Penguin Books Ltd. England Originally published in the United Kingdom by Penguin Books 2005 First published in the United States by The Overlook Press 2006 First trade paperback edition published by Avery 2007.

CARTER, Ronald; NUNAN, David. **The Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages**. Cambridge University Press 2001- First published in print format, 2001.

DAVIES, Benedict: **Como Entender o Inglês Falado/** Benedict Davies. 11. reimp.Rio de Janeiro: Elsevier, 2005-.

DIXSON, Robert J. **Essential Idioms in English: Phrasal Verbs and Collocations**. Pearson ESL | 2003

GEORGE, Lakoff and Mark, JOHNSEN “**Metaphors we live by**”. London: **The university of Chicago press**, 2003.

GILLET, Amy. **Speak English like an American** first edition 2004. Language success press.

DUDENEY, Gavin. Nicky, HOCKLY. **Aprendendo Inglês Como Segundo Idioma Para Leigos**. Editora Alta Books. Ano 2011.

KOHL, Marta. Vygotsky - **Aprendizado e Desenvolvimento**, Um processo Sócio-histórico - Editora: SCIPIONE DIDATICA Ano de Edição: 2010

LIMA, Diógenes Cândido de. **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas/** (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2009. (Estratégias de ensino).

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

_____, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996. 1º edição.

NASH, Mark G. GREGORIM, Clóvis. Michaelis **Dicionário de Phrasal Verbs**. Editora: Melhoramentos (Edição Digital). 2010. Edição: 2.

_____, Mark G. FERREIRA, Willians Ramos. Michaelis **Dicionário de Expressões Idiomáticas** Inglês-Português. Editora: Melhoramentos. (Edição Digital). 2010. Edição: 1.

MARIA, Luzia de. **Leitura e Colheita**: livro, leitura e formação de leitores/Luzia de Maria. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MCCARTHY, Michael. O'DELL, Felicity. **English Phrasal Verbs in Use**. Cambridge University Press 2004 first published.

_____. Michael. O'DELL, Felicity. **English Phrasal Verbs in Use Advanced**. Cambridge University Press 2007 first published.

MOROSOV, Ivete. MARTINEZ, Juliana Zeggio. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira**. A Didática do Ensino e a Avaliação da Aprendizagem em Língua Estrangeira Volume 03. Coleção Metodologia do Ensino. Editora IBPEX. 2008

PONTES, Valdecy de Oliveira. FRANCIS, Mariana. **A noção de equivalência para os estudos da tradução, lexicografia e sociolinguística variacionista**. (2014)

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v2n34p229>

RODRIGUES, E. **Português do Brasil e português de Portugal: diferenças**. Alfa, São Paulo, 25:69-96, 1981.

SCHÜTZ, Ricardo. "Assimilação Natural x Ensino Formal." English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Online. 5 July 2014a.

_____. "Stephen Krashen's Theory of Second Language Acquisition." English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-krash.html>>. Online. 22 de junho de 2014b.

_____. "A Evolução do Aprendizado de Línguas ao longo de um Século." English Made in Brazil <<http://www.sk.com.br/sk-apren.html>>. Online. 5 de novembro de 2012.

SPEARS, Richard A. Ph.D. McGraw-Hill's **Dictionary of American Idioms and Phrasal Verbs**. 2005 by The McGraw-Hill Companies.

SALESI [et. al.], Camila Carla. **Desafios para a docência em Língua inglesa** [recurso eletrônico]: **teoria e prática** / Coordenadora Mariângela Braga Norte; Autores Camila Carla Salesi... [et. al.] – São Paulo: Universidade Estadual Paulista: Núcleo de Educação a Distância, [2013].